




Mood Studies e Estudos de Som: ressonâncias de epistemologias relacionais

Mood Studies and Sound Studies: resonances of relational epistemologies

*Julia Barroso da Silveira¹ 
*Vinícius Andrade Pereira² 
*Camile Carvalho Nascimento³ 

Resumo

Este artigo propõe um diálogo entre os *Mood Studies* e os Estudos de Som, destacando a relevância das epistemologias relacionais na compreensão das experiências contemporâneas. A partir da noção de *Stimmung* em Heidegger, compreendida como estrutura fundamental do ser-no-mundo, articulam-se as contribuições da filosofia das atmosferas de Schmitz e das estruturas de sentimento de Raymond Williams. Essa convergência desloca o foco da análise sociocultural das instituições para as tonalidades, ressonâncias e disposições que circulam entre corpos, ambientes e materialidades. Os Estudos de Som, ao enfatizarem práticas de escuta e culturas aurais, oferecem aos *Mood Studies* um terreno fértil para ampliar seus horizontes. Argumenta-se, assim, que a articulação entre esses campos permite conceber o social como um campo de forças afetivas e sonoras, onde sentir, escutar e habitar tornam-se dimensões inseparáveis da experiência coletiva.

Palavras-chave: *Mood Studies*; Estudos de Som; Epistemologia Sônica; Epistemologias Relacionais; Atmosferas.

Abstract

This article explores the intersections between Mood Studies and Sound Studies, highlighting the significance of relational epistemologies for understanding contemporary forms of experience. Building on Heidegger's notion of *Stimmung* as a fundamental structure of being-in-the-world, it integrates Hermann Schmitz's philosophy of atmospheres and Raymond Williams's concept of structures of feeling. This convergence shifts the focus of sociocultural analysis from institutions to tonalities, resonances, and dispositions that circulate across bodies, environments, and materialities. Sound Studies, by emphasizing listening practices and aural cultures, provide fertile

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom/FCS/UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7194-9123>.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom/FCS/UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3593-2521>.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom/FCS/UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6065-6521>.

ground for Mood Studies to expand their scope. The article argues that the articulation between these fields enables the social to be conceived as a field of affective and sonic forces, where feeling, listening, and inhabiting become inseparable dimensions of collective experience.

Keywords: Mood Studies; Sound Studies; Sonic Epistemology; Relational Epistemologies; Atmospheres.

Introdução

Os deslocamentos teóricos e metodológicos nas ciências humanas e sociais, sobretudo a partir da virada afetiva (Clough, 2007) e das discussões sobre materialidades (Gumbrecht; Pfeiffer, 1994), tornam presentes dimensões que, por muito tempo, permaneceram nos bastidores das investigações acadêmicas: humores, atmosferas, sonoridades, ruídos e silêncios. Tais ideias ou objetos não se oferecem à captura como entidades fixas, objetivas, mas como presenças intersticiais, atravessamentos que modulam o viver e o pensar. A emergência de campos como os *Mood Studies* e os Estudos de Som responde a esse cenário movediço, não apenas oferecendo novas escutas interpretativas, mas também desafiando os modos tradicionais de produzir conhecimento.

Nesse horizonte, torna-se crucial considerar que a comunicação não é apenas a circulação de mensagens ou informações, mas a experiência de estar no mundo em constante afinação com o sensível. Ainda, que a Comunicação, como campo de estudos, deve ser pensada como ciência que investiga como se tecem, se alimentam e se mantêm vínculos e relações entre atores de diferentes naturezas (humanos, não humanos, animais, vegetais, minerais etc.). Tal perspectiva exige uma reorientação epistemológica, que implica deslocar a percepção e o conhecimento de conteúdos representacionais para uma atenção aos modos como corpos e ambientes se encontram articulados, vinculados e modulados em tonalidades de humor, afetividade e ressonâncias. Mais do que efeitos colaterais de processos sociais, tais tonalidades compõem o próprio tecido da vida comum, influenciando sobre práticas cotidianas, regimes de atenção e formas de subjetivação.

A aproximação entre *Mood Studies* e Estudos de Som se dá, portanto, não apenas em razão de um possível conjunto de objetos a serem compartilhados – atmosferas e tonalidades afetivas e sonoras que atravessam corpos –, mas porque ambos os campos se inscrevem como epistemologias relacionais. Se nos *Mood Studies* encontramos a centralidade de conceitos como *Stimmung* e estrutura de sentimentos, nos Estudos de Som vemos emergir noções como acustemologia (Feld, 2015) ou epistemologias sônicas (Voegelin, 2024), que problematizam a hegemonia do olhar e propõem metodologias abertas ao caráter vibrátil das realidades. Ao articular essas duas linhas, delinea-se uma possibilidade crítica que insiste na porosidade como princípio e que, ao invés de buscar sínteses totalizantes, acolhe o múltiplo, o fragmentário e o transitório como condições constitutivas do pensar, do sentir e do conhecer.

É nesse sentido que as pesquisas mais recentes sobre cultura aural (Pereira, 2024) indicam como sons, ruídos e silêncios modulam cotidianamente práticas de cuidado de si e modos de existência (Foucault, 2004; Hadot, 2014). Ao conceber o sonoro como tecnologia de si, abre-se um campo fértil para pensar a escuta como prática de subjetivação, como modo de regular humores e criar atmosferas de pertencimento ou estranhamento. Essa compreensão ressoa com o projeto dos *Mood Studies*, ao enfatizar

que os humores não são meras variações emocionais, mas operadores ontológicos que reconfiguram experiências. Desse modo, este artigo propõe explorar a aderência entre esses dois campos, evidenciando como, no entrelaçamento entre humor e som, é possível vislumbrar a constituição de epistemologias mais sensíveis à pluralidade das formas de viver, sentir e conhecer.

***Mood Studies* e sua gramática emergente**

O campo dos *Mood Studies*, se ainda não goza de amplo reconhecimento no meio acadêmico (Gajanigo, 2024), isso se deve, em parte, a ainda estar em processo de consolidação. Reunindo perspectivas de diferentes áreas, como a Sociologia, Antropologia, Geografia, Comunicação, dentre outras, este campo não deve ser confundido com estudos marcados pelo que se denominou como “virada afetiva” (Clough, 2007), ainda que guarde proximidades com este movimento, especialmente no acolhimento de objetos e dimensões algo obscuras dos fenômenos sociais, como humores, clima e atmosfera.

A proposta básica dos *Mood Studies* consiste em deslocar a percepção das estruturas discursivas e institucionais de processos sociais para modos de vida permeados de diferentes nuances, para a trama emocional que envolve as relações humanas que muitas vezes escapam às formulações e delimitações conceituais mais objetivas. Sugere, assim, maior atenção quanto às sensibilidades, principalmente às variações de humor que permeiam corpos e ambientes. Ao reconhecer que tonalidades humorais afetam tanto a percepção quanto a ação, os *Mood Studies* oferecem uma via que une estética, política e experiência, abrindo espaço para uma compreensão mais densa das formas de sentir e viver em sociedade (Gajanigo, 2024).

A partir disso, torna-se possível compreender que esses estudos operam não apenas considerando emoções coletivas, mas também como uma forma de epistemologia sensível, voltada à escuta e à percepção dos modos pelos quais o mundo não apenas nos afeta, mas também é afetado por nós. Em vez de abordar o humor ou o clima apenas como metáforas, estes são vistos como realidades. Nessa perspectiva, cada conceito, seja o *Stimmung*, a Atmosfera, ou a Estrutura de Sentimentos – conceitos basilares para este campo –, oferece vias férteis para analisar interações entre corpos e espaços, em uma proposta investigativa que avança para além de dicotomias tais como sujeito/objeto ou indivíduo/coletivo.

O conceito de *Stimmung* inaugura um ponto de partida decisivo para os *Mood Studies*, pois permite pensar a articulação entre sujeito e mundo em termos de sintonia afetiva. A palavra, derivada do verbo alemão *stimmen* – afinar, harmonizar –, nasce do campo musical e, desde o século XVIII, designa uma afinação entre o indivíduo e o ambiente. Em Heidegger, porém, esse termo extrapola a dimensão psicológica, sendo compreendido como estrutura fundamental do *Dasein*, isto é, do ser-no-mundo. Dessa forma, a existência nunca se apresenta como neutra, mas sempre tonalizada por disposições que revelam uma abertura afetiva ao real. Estar em um *mood* equivale, portanto, a um modo de ser, uma disposição ontológica que dá forma à experiência (Gajanigo, 2024). Ao retomar o conceito, Gajanigo destaca sua relevância como fundamento para o campo, evidenciando a maneira pela qual sensibilidade e socialidade se interligam em uma mesma chave conceitual.

Heidegger (1988), assim, que sentir não corresponde a um estado interno, mas a uma forma de abertura que dissolve a oposição entre interioridade e exterioridade. A tonalidade não é um adorno subjetivo, mas a condição pela qual o mundo se deixa manifestar. Desse modo, os *Mood Studies* encontram em *Stimmung* uma categoria privilegiada para compreender que o social não é apenas um espaço regulado por normas e instituições, mas também um campo de ressonâncias afetivas que emergem do encontro entre corpos, materialidades e ambientes.

A segunda noção que compõe essa gramática é a de Atmosfera, formulada sobretudo por Hermann Schmitz (2011). Para o filósofo, a atmosfera não pertence à subjetividade de um indivíduo nem à objetividade das coisas, mas constitui uma realidade espacial compartilhada, vivida pelo corpo no que denomina “espaço dos sentimentos”. Nesse horizonte, não há separação ontológica entre emoção e atmosfera: “a própria emoção seria atmosférica, espacial” (Gajanigo, 2024, p. 11). O corpo, nesse sentido, é compreendido como passagem e ressonância de forças atmosféricas que se disseminam de modo difuso e contagioso. Tal virada fenomenológica inspirou abordagens contemporâneas em estética e comunicação nas quais o espaço não é reduzido a cenário, mas é reconhecido como agente que modula afetos, ritmos e disposições coletivas.

O terceiro conceito, estrutura de sentimentos, foi introduzido por Raymond Williams e acrescenta ao debate uma dimensão histórica e política. Para o autor, cada momento histórico é atravessado por uma tonalidade afetiva comum, que expressa modos de vida e regimes de percepção de uma época. Essas estruturas não correspondem a ideologias cristalizadas, mas a “significados e valores enquanto são ativamente vividos e sentidos, e as relações entre esses e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis (inclusive historicamente variáveis)” (Williams, 1977, p. 132, tradução nossa). O que está em jogo, segundo Williams, são impulsos, contenções e tonalidades que compõem uma consciência prática e vivida. Ao deslocar a análise cultural de produtos fixos para processos em curso, Williams abre espaço para que os *Mood Studies* tratem humores e atmosferas como registros históricos da experiência coletiva.

A articulação entre *Stimmung*, atmosfera e estrutura de sentimentos conforma, assim, uma gramática conceitual em que o sentir se distribui entre corpos, objetos e espaços, produzindo uma ambientação comum. Gajanigo (2004) descreve essa zona cinzenta como o lugar em que socialidade e afetividade se entrelaçam, tornando a experiência social um campo de forças sensíveis, uma vibração compartilhada. Essa mudança de enfoque desloca a sociologia de sua ênfase em instituições e estruturas para uma atenção às intensidades e disposições afetivas que permeiam o cotidiano. É nessa direção que os *Mood Studies* encontram um terreno fértil para dialogar com as epistemologias sônicas (Voegelin, 2024), uma vez que ambas as abordagens privilegiam fenômenos relacionais e porosos, permitindo compreender como o mundo é simultaneamente sentido, escutado e percebido. Se nos *Mood Studies* o clima e o humor atuam como modos de afinação entre os corpos e o mundo, nas Epistemologias Sônicas o som cumpre um papel semelhante, revelando-se como meio de produção de sentido e conhecimento. É nesse entrosamento entre o sentir, o conhecer e o ouvir que se desenvolve o diálogo que é apresentado a seguir.

Estudos de som e epistemologias sônicas

A partir do percurso traçado na seção anterior, nos reaproximamos do argumento central deste artigo: a afinação entre os *Mood Studies* e os Estudos de Som é mutuamente benéfica para os campos e, de algum modo, reafirma modelos de epistemologias relacionais ou o que chamaremos de epistemologias fluidas. A fim de elaborar essa argumentação, apresentamos nesta seção os pontos de congruência e as brechas permeáveis que apontam para uma fértil colaboração entre as áreas de pesquisa.

De acordo com Jonathan Sterne (2012), os Estudos de Som analisam tanto as práticas sônicas quanto os discursos e instituições que estão implicados nestas práticas, tendo o som como ponto analítico de partida ou de chegada. O desafio, ele acrescenta, é considerar os fenômenos sônicos a partir de suas relações, e não como coisas em si. A abordagem relacional dos Estudos de Som não se dá apenas de forma simbólica, mas também material, visto que o som é “vibração que é percebida e se torna conhecida por meio de sua materialidade” (Novak; Sakakeeny, 2015, p. 1, tradução nossa)⁴.

Estabelecer a partir do som um foco no relacional funciona como um dispositivo pluralizante, segundo Voegelin (2024), ao transformar uma recepção individualizada em uma prática recíproca de percepção e abrir espaços para corpos, humanos ou não, na produção de conhecimento. Utilizar o som como parte de um método traz a necessidade, e a possibilidade, de expandir metodologias, escapando de ferramentas centradas no visual e desestabilizando aparatos interpretativos tradicionais (Voegelin, 2024).

Apesar do potencial inovador e até subversivo dos Estudos de Som, é necessário reforçar o alerta feito por Novak e Sakakeeny (2015) de que o campo, de forma geral, segue comprometido com as linhagens intelectuais e históricas do Ocidente, reforçando normativas modernas de sujeito ao presumir uma universalidade da escuta. Essa reprodução da universalidade também é apontada por Kahn (1997) ao falar da panauralidade proposta por John Cage, ideia que trata da escuta de sons como música. Como posto em Pereira e Lucas (2025, p. 13), a panauralidade cageana “não leva em conta que os sons também são lugares de conflito e de memória, o que faz com que a grande ‘abertura’ corra o risco de instaurar outra modalidade de silêncio – o silêncio quanto aos significados políticos e afetivos do ambiente sonoro”.

Mas há um movimento, a partir de áreas como a Comunicação e os Estudos Culturais, de aprofundar o entendimento do papel do som na formação de diferenças sociais (Novak; Sakakeeny, 2015), e, para Jonathan Sterne (2012), *estudantes de som* – como ele se refere àqueles que se dedicam aos Estudos de Som – problematizam as suas tradições intelectuais, além do som e dos fenômenos sônicos. A crítica à reprodução do pensamento moderno-colonial nos Estudos de Som também aparece em Voegelin (2024) com a proposição de epistemologias sônicas, práticas relacionais que desafiam as suposições de universalidade e objetividade, bem como a centralidade da cultura visual. A aplicação do sônico como material e conceito em diferentes áreas resultaria na construção de novos métodos e metodologias abrangentes, e uma produção de campos diversos a partir de uma mesma epistemologia (Voegelin, 2024). Afinal, os chamados estudantes de som, conforme Sterne (2012, p. 4, tradução nossa), apresentam como características definidoras uma “ampla curiosidade transdisciplinar

⁴ Do original: “vibration that is perceived and becomes known through its materiality” (Novak; Sakakeeny, 2015, p. 1).

e uma consciência de parcialidade”⁵, e não privilegiam um grupo de metodologias, mas acolhem os métodos que emergem a partir das perguntas de pesquisa e dos campos de investigação.

As epistemologias sônicas de Voegelin (2024) são inspiradas na acustemologia conceituada por Steven Feld (2015, p. 12, tradução nossa), uma união de “‘acústica’ e ‘epistemologia’ para teorizar o som como uma forma de conhecimento”⁶. Assim como os Estudos de Som dão centralidade ao aspecto relacional, Feld (2015) baseia seu conceito em uma estrutura ontológica relacional, em que a construção de saberes se dá por participação e reflexão interativas, em um processo contínuo e cumulativo. A acustemologia, originalmente, pretendia expandir e refinar o que Feld (2015) chamava de antropologia do som; mas a aproximação com a ontologia relacional moldou a acustemologia como uma forma de pensar o som e através dele enfatizar a reflexividade e a relacionalidade. Além disso, o uso de “antropologia” centralizava a presença humana, enquanto “do som” marcava distanciamento e estrutura, em vez de processo e percepção (Feld, 2015). Novamente encontramos, então, a abertura para a inclusão de corpos não humanos nos Estudos de Som como elementos participantes.

Vimos, até aqui, que os Estudos de Som fornecem base epistemológica para lidar com objetos porosos ou sem bordas definidas, com imprecisões de recortes de pesquisa e com fenômenos que englobam a presença de múltiplos atores, colaborando para a superação da dicotomia sujeito/objeto. Mais do que isso, afasta-se da própria suposição de um sujeito moderno quando é questionada a universalidade, quando é combatida a noção de ouvinte ideal ou quando o relacional é evidenciado. As generalizações características dos regimes modernos-coloniais são explicitamente combatidas nas epistemologias sônicas de Voegelin (2024) e na acustemologia de Feld (2015), mesmo que alguns autores dos Estudos de Som estejam submetidos a filiações da modernidade, e a proposta de afastamento da visualidade na produção de conhecimento é amplamente proposta – mas Feld (2015, p. 15, traduções nossas) ressalta que não há a intenção de “substituir o oclocentrismo visualista pelo fonocentrismo”, propondo considerar uma “escuta situada em engajamentos com lugares e o espaço-tempo”, já que a acustemologia “se fundamenta na suposição básica de que a vida é compartilhada com os outros-em-relação”⁷.

Partimos, então, para vinculações mais bem explicitadas nas práticas de pesquisa. Para isso, consideremos inicialmente as investigações realizadas por Tia DeNora (2000) a respeito do poder cotidiano da música em influenciar humores e estabelecer cenários e rotinas. Por meio de estudos etnográficos e entrevistas, a autora faz soar de que forma a música constitui a vida pessoal e social, mobilizando um referencial teórico interdisciplinar, em diálogo com áreas como a psicologia e a sociologia.

Uma das primeiras coisas que a música faz é ajudar os atores a mudar o humor ou o nível de energia, [...] a música é cúmplice na obtenção, intensificação e manutenção de estados desejados de sentimento e energia corporal (como relaxamento); é um veículo usado para sair de estados indesejados (como estresse ou fadiga). É um recurso para

⁵ Do original: “broad transdisciplinary curiosity and an awareness of partiality” (Sterne, 2012, p. 4).

⁶ Do original: “‘acoustics’ and ‘epistemology’ to theorize sound as a way of knowing” (Feld, 2015, p. 12).

⁷ Do original: “to replace visualist oclocentrism with sonocentrism”; “situated listening in engagements with place and space-time”; “is grounded in the basic assumption that life is shared with others-in-relation” (Feld, 2015, p. 15).

modular e estruturar os parâmetros da agência estética – sentimento, motivação, desejo, comportamento, estilo de ação, energia. Com isso, o que os entrevistados frequentemente querem dizer é que suas propriedades específicas – seus ritmos, gestos, harmonias, estilos e assim por diante – são usadas como referentes ou representações de onde eles desejam estar ou ir, emocionalmente, fisicamente e assim por diante (DeNora, 2000, p. 53, tradução nossa)⁸.

Ainda que não faça referência a Foucault (2004) e Hadot (2014), DeNora (2000) pensa a música como tecnologia do *self*, funcionando como ferramenta de cuidado do *self*, ou seja, colaborando para autorregulação e modulação de emoções. As tecnologias de si “permitem aos indivíduos efetuar [...] um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (Foucault, 2004, p. 323-324); e é por meio de tecnologias de si que se realiza o cuidado de si, que Hadot (2014) também chama de exercícios espirituais, relacionados com práticas da filosofia antiga. Assim, quando as pessoas entrevistadas dizem utilizar músicas para entrar ou sair de *moods*, criar uma atmosfera propícia à realização de um trabalho ou de exercícios físicos, ou gerar a sensação de pertencimento, a música funciona como tecnologia de si, dentro de práticas do cuidado de si.

É também nesse sentido que o Laboratório de Comunicação, Cultura Aural e Tecnologias de Si (Cats)⁹ tem pensado as sonoridades, expandindo a análise musical feita por DeNora (2000) – afinal, como diz a tese proposta por Pereira (2024, p. 21), “ruídos e sons, tal como a música, atuam como tecnologias de si”. O livro *Sons, ruídos e silêncios no dia a dia: cultura aural e tecnologias de si* (Pereira, 2024), primeiro produto relacionado à pesquisa do Cats, apresenta como os sons modulam nosso cotidiano, elencando os seguintes pontos-chave: a) a existência de um mercado sonoro contemporâneo, o Mercado de Ruídos e Sons para o Bem-Estar (MERSBE), que oferece ruídos coloridos (*white noise* e *pink noise*, por exemplo) para modulação de humores e estados mentais-corporais; b) práticas silenciadoras, chamadas de sonlêncio, que não tratam necessariamente da ausência de sons, mas de uma experiência de escuta; c) a necessidade de considerar audibilidades não normativas nos Estudos de Som.

Ao trazer uma escuta de sonoridades, expandindo a escuta estritamente musical da pesquisa de DeNora (2000), o Cats e, conseqüentemente, Pereira (2024) e Pereira e Lucas (2025) buscam combater a marginalidade do som em relação à música nesse campo. De acordo com Novak e Sakakeeny (2015), os Estudos de Som estavam subsumidos à música até a Revolução Científica:

Os estudos musicais antecedem os estudos sonoros em dois milênios, mas mantêm uma presença amorfa na nova ordem. [...] “Som” frequentemente denota fenômenos acústicos e aspectos de produção

⁸ Do original: “One of the first things music does is to help actors to shift mood or energy level, [...] music is an accomplice in attaining, enhancing and maintaining desired states of feeling and bodily energy (such as relaxation); it is a vehicle they use to move out of dispreferred states (such as stress or fatigue). It is a resource for modulating and structuring the parameters of aesthetic agency – feeling, motivation, desire, comportment, action style, energy. By this, what respondents often mean is that its specific properties – its rhythms, gestures, harmonies, styles and so on – are used as referents or representations of where they wish to be or go, emotionally, physically and so on” (DeNora, 2000, p. 53).

⁹ Grupo de pesquisa PPGCom-UERJ coordenado por Vinícius Andrade Pereira. São membros do grupo: Breno B. Braga, Camile C. Nascimento, Guilherme A. Silva, Julia B. Silveira, Lucas M. Tavares e Rafael J. Azevedo.

e recepção que são registrados fora do âmbito da “música” ou deslocam seus objetos e histórias culturais para uma rubrica aparentemente mais ampla (Novak; Sakakeeny, 2015, p. 6, tradução nossa).¹⁰

Assim como a unidade dos *Mood Studies* “está mais visível em como certos conceitos ganham centralidade e na forma como se trabalha esses conceitos para realçar um conjunto de aspectos como hibridez, afetividade, corporalidade e ambientalidade” (Gajanigo, 2024, p. 3), trabalhar com sons, ruídos e silêncios, além da música, propicia melhor escuta das relações e dos vínculos estabelecidos em ambientes e atmosferas. Por isso, Pereira e Lucas (2025, p. 16) sugerem o conceito de audibilidade musissônica “como um modo de percepção que busca transcender as fronteiras costumeiramente impostas entre a recepção da música e a atenção aos sons ambientais”.

A aproximação de campos marginalizados e permeáveis parece um movimento fértil para proposições como esta, que nublam fronteiras e, ao mesmo tempo, criam espaço para a construção de novos saberes. Como destaca Voegelin (2024) em relação às epistemologias sônicas, o objetivo não é ser destrutivo, mas conseguir lidar com partes difusas do conhecimento em que há necessidade de repensar estruturas semânticas e superar taxonomias restritivas. É neste sentido que o artigo de Voegelin busca fazer soar as semelhanças entre os *Mood Studies* e os Estudos de Som, com destaque para o aspecto relacional dos campos e das inovações metodológicas que têm emergido, a porosidade dos conceitos trabalhados e a imprecisão dos objetos ou fenômenos analisados, bem como o potencial crítico a tradições de conhecimento que sejam excludentes e hierarquizantes. Parafraseando, e ampliando, o que disse DeNora (2000, p. 56, tradução nossa) sobre a música, o som oferece “um meio para trabalhar os *moods*”¹¹.

Vinculações atmosféricas

Nas seções anteriores, buscamos contextualizar como os campos de *Mood Studies* e Estudos de Som têm se desdobrado epistemologicamente e apontar eixos de vinculação e colaboração possíveis. Elencamos dos *Mood Studies*, porém, o conceito de atmosfera, ou os estudos atmosféricos, como a ponte pela qual a comunicação entre essas áreas já tem sido estabelecida, sugerindo caminhos para o aprofundamento dessas relações.

Temáticas compartilhadas pelos *Mood Studies* e os Estudos de Som, como afetividade e temporalidade, também se apresentam nos estudos atmosféricos. Laura Gherlone (2021) aponta um potencial de investigar traumas a partir do campo das atmosferas, considerando que experiências anteriores informam também vivências atuais. Além disso, ela evidencia a possibilidade de presentificar experiências sedimentadas em memória coletiva transgeracional por meio de atmosferas vinculadas a espaços, exemplificada pela ideia de “um porto que viu rios de migrantes passarem” (Gherlone, 2021, p. 27, tradução nossa)¹².

¹⁰ Do original: “Music studies predates sound studies by two millennia yet maintains an amorphous presence in the new order. [...] ‘Sound’ often denotes acoustic phenomena and aspects of production and reception that register outside the realm of ‘music’ or displace its objects and cultural histories into an apparently broader rubric” (Novak; Sakakeeny, 2015, p. 6).

¹¹ Do original: “a medium in which to work through moods” (DeNora, 2000, p. 56).

¹² Do original: “un puerto que ha visto pasar por allí ríos de personas migrantes” (Gherlone, 2021, p. 27).

Para compreender a percepção dessas atmosferas afetivas que atravessam o tempo e marcam espaços, podemos acionar a ideia de corpo-sentido ou corpo-vivido (*felt-body, lived-body*) de Griffero (2016), que se diferencia da mera composição de órgãos que seria um corpo-coisa. O corpo-sentido é invisível e não permite distanciamento porque é “o que somos e não algo que temos” (p. 9, tradução nossa)¹³. Da mesma forma que podemos explorar a diluição, pelo menos parcial, das dicotomias corpo/mente e sujeito/objeto por meio dos Estudos de Som ou dos *Mood Studies*, as ilhas corpóreo-sentidas (*felt-bodily isles*) permitem uma comunicação corpórea que envolve a ressonância das atmosferas e se apresentam como sistemas estáveis, mas passíveis de dissolução, dependendo de sensações e sentimentos (Griffero, 2016).

Esse corpo volumoso, mas sem superfície (Griffero, 2016) está afinado com a imprecisão percebida nos campos aqui abordados. A imprecisão também situa os estudos atmosféricos na margem. A transitoriedade e a intempestividade dos fenômenos analisados têm sido motivo para questionamentos ao campo, como ressalta Gherlone (2021), além de serem desafios para os pesquisadores que realizam explorações empíricas nas áreas. Daí a necessidade de dialogar com disciplinas afins e produzir formas alternativas de pesquisa, em vez de proscrever conceitos e fenômenos cujas bordas sejam nubladas ou porosas.

A necessidade de interdisciplinaridade foi percebida por Deanne Bell (2018) ao lecionar no curso de Psicologia, quando alunos racializados começaram a levantar questões que envolviam áreas como política, economia e história ao tratar de traumas coletivos. Ao relatarem a falta de disciplinas que abordassem os efeitos psicológicos da opressão, eles indicavam como o meio acadêmico funciona como aparato de sustentação da colonialidade, reforçando discursos de universalidade. Bell (2018) identifica que emergiu, então, uma atmosfera afetiva decolonial em que os elementos constitutivos eram ela e os alunos, guiados pelo desejo de decolonização – nessa atmosfera, a interação passa a ser dialógica e o conhecimento é construído conjuntamente. O ambiente intra-atmosférico, por meio do compartilhamento e da construção de vínculos, transforma afetos em recursos quando há mobilização política (Bell, 2018).

A relação entre decolonialidade e atmosfera também se encontra em Gherlone (2021). Ainda que pensadores da decolonialidade não façam referência explícita aos estudos atmosféricos, a autora considera que o conceito de atmosfera é um marco interpretativo frutífero porque reabilita o valor epistemológico da estética como percepção e dá conta de relações entre emoções e contextos específicos. Da mesma forma, Voegelin (2024) aborda o potencial da aplicação das epistemologias sônicas para a decolonização, considerando as pluralidades ouvidas a partir da inclusão de saberes não hegemônicos. A partir da relação entre essas autoras, percebe-se o elemento comum da inovação desses campos, que oferecem caminhos para a construção de saberes produzidos por diferentes corpos e percursos acadêmicos.

Outro aspecto inerente aos Estudos de Som e aos *Mood Studies* que também se manifesta nas atmosferas é a relacionalidade. Para Gherlone (2021, p. 26, tradução nossa), “existe uma relação profunda entre o espaço e a percepção emocional”, e é nesta relação que emerge a atmosfera, que é “incompreensível fora de uma dimensão comunitária”¹⁴. A dimensão comunitária e relacional das atmosferas pode ser

¹³ Do original: “what we are and not something we have” (Griffero, 2016, p. 9).

¹⁴ Do original: “existe una relación profunda entre el espacio y la percepción emocional”; “incompreensible fuera de una dimensión comunitaria” (Gherlone, 2021, p. 26).

percebida, por exemplo, no uso de música ambiente. Segundo Adkins (2019), a música ambiente, a partir da criação de atmosferas, faz emergir significados que refletem o “eu” e a sociedade, quando há engajamento consciente na escuta. A lógica da música ambiente, aliás, não está na combinação dos objetos sonoros que a compõem, “mas na criação e comunicação da atmosfera” (Adkins, 2019, p. 142, tradução nossa)¹⁵. Tanto a música ambiente quanto a produção e comunicação de atmosferas remetem à imprecisão já abordada anteriormente, visto que esse contexto indica intersubjetividade e indeterminação – há uma efemeridade na escuta e na percepção ambiental, além da confusão entre sujeito e objeto, tornando impermanente e ontologicamente frágil a atmosfera (Adkins, 2019).

É nesse sentido que Philippopoulos-Mihalopoulos (2019) fala da atmosfera como singularidade ontológica que se apresenta como insular e comunitária, mas o autor adiciona a noção de atmosferas construídas (*engineered atmospherics*), que, se corretamente projetadas, são emergências autoperpetuantes. Para ele, a construção de atmosferas se baseia em um apelo às respostas sensoriais e emocionais, podendo atingir “o ponto de desorientação sinestésica do tipo que torna o corpo um participante ainda mais maleável” (Philippopoulos-Mihalopoulos, 2019, p. 169, tradução nossa)¹⁶. Como indica o título do capítulo, *Atmospheric Aesthetics: Law as Affect* (2019), o autor trata da relação entre atmosfera, afeto e o campo jurídico, novamente remetendo à interdisciplinaridade, mas a ideia de construção ou engenharia atmosférica pode ser indiretamente encontrada nas investigações de Tia DeNora (2000).

A partir dos relatos de seus interlocutores, DeNora (2000) afirma que a música é parte da construção de cenários, podendo até mesmo suprimir a consciência ou a racionalização. Sem perceber, as pessoas em tais cenários construídos, ou englobadas em uma atmosfera, podem apresentar mudanças no comportamento corporal – mudança de energia física, motivação ou movimento –, realinhamento de estado emocional ou de conduta social (DeNora, 2000). A construção de atmosferas pode passar também por uma escuta instrumentalizada, que Pereira (2024, p. 122) define como “uma prática de audição em que a pessoa escolhe deliberadamente um conjunto de materiais sonoros para alcançar efeitos específicos”.

É possível perceber, então, a semelhança de temáticas trabalhadas a partir de atmosferas, sonoridades e *moods*, como a relacionalidade, as modulações afetivas e as brechas para questionar paradigmas acadêmicos opressivos. Conforme o percurso traçado até aqui, acreditamos que os estudos atmosféricos se apresentam não apenas como um ponto de convergência conceitual entre os *Mood Studies* e os Estudos de Som, mas também como um campo em expansão, capaz de sustentar diálogos mais amplos entre as pesquisas sobre som, humor, afeto e ambiência.

Considerações finais

A análise aqui proposta procurou compreender as aproximações possíveis entre os *Mood Studies* e os Estudos de Som, evidenciando que ambos compartilham um mesmo gesto: o de deslocar o pensamento para aquilo que não se estabiliza, mas reverbera. Ao trazer para o centro da reflexão a ideia de tonalidades, ressonâncias e

¹⁵ Do original: “but in the creation and communication of atmosphere” (Adkins, 2019, p. 142).

¹⁶ Do original: “the point of synaesthetic disorientation of the kind that makes a body an even more pliable participant” (Philippopoulos-Mihalopoulos, 2019, p. 169).

atmosferas, esses campos demonstram que os fenômenos sociais não se reduzem a estruturas visíveis ou discursos instituídos, mas envolvem também camadas afetivas e sensoriais que moldam nossa presença no mundo. A atmosfera, nesse contexto, foi apresentada como chave conceitual e metodológica, capaz de ligar disposições afetivas e práticas de escuta em um mesmo horizonte relacional.

As contribuições de autores como Voegelin (2024) e Feld (2015) revelam que o som, entendido como vibração e, assim, como mediador relacional, oferece uma via para construir metodologias mais inclusivas, que não se apoiam em categorias universais, mas em experiências situadas. Ao mesmo tempo, a proposta dos *Mood Studies* de tratar os humores não apenas como metáforas, mas também como realidades ontológicas que indiferenciam indivíduos e coletivo, também implicando o relacional desse encontro, amplia a possibilidade de compreender como a vida social é modulada em suas múltiplas tonalidades afetivas. É nesse ponto de interseção que se pode observar um campo comum em diálogo, no qual a escuta, o sentir e o conhecer se tornam fundamentos de uma epistemologia que recusa o fechamento rígido e se abre para o poroso e o instável: reafirmações de uma epistemologia relacional (Haraway, 1988), esboços de uma epistemologia fluida.

Pesquisas anteriores (Pereira, 2024) já destacaram que sons e ruídos não se restringem à esfera estética ou musical, mas funcionam como tecnologias de si, capazes de operar transformações no corpo e na subjetividade, além de questionar as fronteiras entre música e ambiente. O conceito de “sonlêncio” (Pereira, 2024), por exemplo, evidencia que a experiência do silêncio não se limita à ausência de sons, mas implica modos específicos de escuta e de atenção, que se constituem como práticas de regulação e cuidado. De modo convergente, a noção de “audibilidade musissônica” (Pereira; Lucas, 2025) propõe ultrapassar a cisão entre música e sons do cotidiano, afirmando a necessidade de escutar o mundo em sua integralidade conflitiva, como campo de disputas simbólicas e afetivas.

Essas contribuições apontam que tanto os *moods* quanto os sons devem ser compreendidos como operadores epistemológicos, abrindo caminhos para investigações que se colocam na contramão de perspectivas hegemônicas e valorizam formas plurais de conhecimento. A proposta de aproximação entre *Mood Studies* e Estudos de Som não se encerra, portanto, em um exercício de justaposição conceitual, mas busca instigar diálogos que ampliem os horizontes metodológicos e teóricos disponíveis, em torno de epistemologias relacionais (Haraway, 1988). O gesto aqui não é de síntese, mas de reverberação: ao articular esses campos, abre-se espaço para a construção de atmosferas críticas capazes de desestabilizar paradigmas excludentes e, sobretudo, de nos lembrar que o conhecimento é sempre uma prática situada, modulada por tonalidades e atravessada por reverberações e sonoridades multicorpóreas.

Assim, o que se propõe ao final desse breve percurso investigativo não é um fechamento conclusivo, mas, ao contrário, uma abertura metodológica e conceitual que quer sugerir a escuta – tal como aparece nos Estudos de Som e nas epistemologias sônicas – e o humor – tal como elaborado nos *Mood Studies* – como práticas convergentes que permitem conceber epistemologias mais plurais, menos hierárquicas e mais sintonizadas com a complexidade do presente. Como um eco que se estende, a articulação entre esses campos nos convida a cultivar uma ciência atenta ao que vibra, ao que ressoa e ao que se transforma no encontro entre corpos, ambientes e atmosferas.

Referências

- ADKINS, Monty. Fragility, noise, and atmosphere in ambient music. In: ADKINS, Monty; CUMMINGS, Simon (ed.). *Music beyond airports: appraising ambient music*. Huddersfield: University of Huddersfield Press, 2019. p. 119-146.
- BELL, Deanne. A pedagogical response to decoloniality: Decolonial atmospheres and rising subjectivity. *American Journal of Community Psychology*, New York, v. 62, n. 3-4, p. 250-260, 2018.
- CLOUGH, Patricia Ticineto. *The Affective Turn*. Durham: Duke University Press, 2007.
- DENORA, Tia. *Music in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- FELD, Steven. Acoustemology. In: NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (ed.). *Keywords in Sound*. Durham: Duke University Press, 2015. p. 12-21.
- FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si, 1982. *Verve*, São Paulo, n. 6, p. 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>. Acesso em: 12 out. 2025.
- GAJANIGO, Paulo. Estrutura de sentimentos, *Stimmung* e atmosfera: uma proposta de sistematização do emergente *mood studies*. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-26, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/18070337-122908>.
- GHERLONE, Laura. Atmósferas y emociones colectivas: descolonizar los espacios emocionales. In: PUPPO, M. (ed.). *Espacios y emociones: textos, territorios y fronteras en América Latina*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2021. p. 17-34.
- GRIFFERO, Tonino. Atmospheres and felt-bodily resonances. *Studi di Estetica*, Bologna, n. 5, p. 1-41, 2016. Disponível em: <https://journals.mimesisedizioni.it/index.php/studi-di-estetica/article/view/457>. Acesso em: 14 out. 2025.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich; PFEIFFER, K. Ludwig. *Materialities of Communication*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, College Park, MD., v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
- KAHN, Douglas. John Cage: silence and silencing. *The Musical Quarterly*, New York, v. 81, n. 4, p. 556-598, 1997.
- NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (ed.). *Keywords in Sound*. Durham: Duke University Press, 2015.
- PEREIRA, Vinícius Andrade. *Sons, ruídos e silêncios no dia a dia: cultura aural e tecnologias de si*. Porto Alegre: Sulina, 2024.
- PEREIRA, Vinícius Andrade; LUCAS, Cássio de Borba. Panauralidade e Audibilidade Musissônica: diálogos afirmativos entre Estudos de Som e Música. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2025, Curitiba. *Anais eletrônicos [...]*. São Paulo: Compós, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/article/view/11332>. Acesso em: 11 out. 2025.
- PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, Andreas. Atmospheric aestheses: law as affect. In: GRIFFERO, T.; TEDESCHINI, M. (ed.). *Atmosphere and Aesthetics: A Plural Perspective*. London: Palgrave Macmillan, 2019. p. 159-174.
- SCHMITZ, Hermann; MÜLLAN, Rudolf Owen; SLABY, Jan. Emotions outside the box – the new phenomenology of feeling and corporeality. *Phenomenology and the cognitive sciences*, v. 10, n. 2, p. 241-259, 2011.
- STERNE, Jonathan (ed.). *The Sound Studies Reader*. New York/Oxon: Routledge, 2012.
- VOEGELIN, Salomé. Sonic Epistemologies: Confrontations with the Invisible. *Open Philosophy*, v. 7, p. 1-13, abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1515/opphil-2024-0002>.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.




Declaração de Coautoria: “Todos os coautores escreveram e editaram o artigo conjuntamente, participando igualmente de todas as etapas da produção da pesquisa.”

*Minicurrículo das Autorias:

Julia Barroso da Silveira. Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2024). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES (Processo nº 88887.965424/2024-00). E-mail: barroso.julia@gmail.com.

Vinícius Andrade Pereira. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Docente junto à Faculdade de Comunicação Social e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: vinianp@gmail.com.

Camile Carvalho Nascimento. Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2020). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES (Processo nº 88887.238645/2025-00). E-mail: camilejornalista@gmail.com.

Avaliador 1: Felipe Trotta 
Editore/as de Seção: Paulo Gajanigo 
Manuela de Mattos Salazar 

Declaração de Disponibilidade de Dados

Nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.

Declaração de uso de IA Gen

As autorias declaram não ter feito uso de IA Gen na elaboração do artigo.